

EDITORIAL

Recordar para não repetir

O relançamento da *Revista Portuguesa de Psicossomática* – agora em edição *online* – depois de uns anos de não publicação impõe-nos uma homenagem e propõe-nos uma reflexão crítica.

Justa homenagem aos colegas que mais se destacaram na fundação, desenvolvimento e promoção da Sociedade Portuguesa de Psicossomática e da Revista Portuguesa de Psicossomática: José Barata, o “pai” fundador da Sociedade; Rui Mota Cardoso, o prestigiado cientista que lhe deu corpo, eficiência e dignidade; António Barbosa, o grande dinamizador da aproximação e abertura à comunidade científica internacional; e Rui Coelho, primeiro director da Revista Portuguesa de Psicossomática, com o mérito de a colocar como publicação de referência à escala mundial. De relevar também a notável e constante contribuição para o desenvolvimento do espírito e da praxis da Sociedade de Psicossomática dos colegas Sílvia Ouakinin, Maria de Deus Brito, Adelino Cardoso, Jorge Câmara e Patrícia Câmara. Outros deviam aqui constar, mas são tantos que não é possível fazê-lo.

Reflexão sobre o percurso e actualidade da Psicossomática, esta disciplina de charneira entre a medicina e a psicologia:

Depois de um período de inflação – a “bolha” psicossomática do terceiro quartel do século XX, em que tudo era psicossomático (no sentido simplório do conceito e do termo, é dizer, de origem sobretudo mental), desde a queda do cabelo ao cancro – chegou o *crash*: a psicossomática está em colapso.

Os conceitos também têm vida – nascem, crescem, envelhecem e morrem. Outros surgem.

Ou então mudam, transformam-se e *actualizam-se* – de acordo com o conhecimento baseado na evidência e na prova.

A velha psicossomática – da neurose de órgão à somatopsicose, do conflito específico à alexitimia, do pensamento operatório ao recalçamento da função do imaginário – está gasta, carcomida.

Uma nova psicossomática emerge: com o desenvolvimento das neuro-ciências, designadamente a ciência das emoções; e da biologia do comportamento, particularmente a ciência das relações interpessoais. O paradigma mudou: não é a pulsão e a defesa; sim, a intersubjectividade e a sua afinação. Novas noções e explicações são criadas e construídas: o conhecimento relacional implícito, a afectividade protopática, o impasse relacional, a expansão da consciência e da mente na reciprocidade diádica, a auto-regulação afectiva construída na relação de comunhão e complementaridade identitárias, a criação como função da relação complementar insaturada.

A não ser assim, a psicossomática desaparece; soterrada que será pela engenharia genética, queimada pela bioquímica ou abafada pela pós-moderna neuro-psicanálise.

É preciso **recordar para não repetir** as mitologias do passado. Dizer, como às vezes ainda se ouve, que a tuberculose é um equivalente somático da melancolia ou o linfoma uma psicose do sistema linfático é voltar à quimérica noção do “mito científico”. Tenhamos juízo!

E é por o termos, ou pensarmos que o temos, que voltamos à comunicação com o público.

Os conceitos-chave da antiga psicossomática, demasiado genéricos e inclusivos (na alexitimia cabe quase tudo) fizeram a sua época. Actualmente procura-se, com rigor, evidenciar a influência do psico-relacional sobre o organo-funcional e explicar como a relação causal se desenvolve, vale dizer, estabelecer uma etiologia e patogenia teoricamente bem fundamentadas e empiricamente demonstradas.

António Coimbra de Matos

14.03.2011